

ACM: "Eu venci a parada"

GAZETA MERCANTIL

24 JAN 1996

Para o senador, FHC seguiu à risca sugestões sobre o Econômico

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) escolheu a noite da última segunda-feira para comemorar, com algum atraso, a sua vitória no episódio da venda do Banco Econômico para o Excel. "Eu venci a parada", saboreou. Na sua versão, ele ditou para o governo as regras da transação, enviando quatro sugestões para o presidente Fernando Henrique Cardoso, por meio do presidente do PFL, Jorge Bornhausen.

Foram essas as sugestões: 1) pagamento de todos os correntistas e aplicadores; 2) manutenção de todas as agências; 3) a não-demissão de funcionários, a não ser que sob as mesmas condições superfavoráveis do progra-

ma de demissão voluntária do Banco do Brasil; 4) prazo de seis meses para qualquer decisão sobre a venda. "Nem eu acreditava que o Fernando Henrique fosse aceitar. Mas ele aceitou tudo e cumpriu à risca", disse o ex-governador baiano, num jantar com jornalistas.

Para "dar uma saída honrosa" ao presidente, como o próprio ACM disse, suas sugestões foram acompanhadas de um conselho: que os responsáveis pelo desastre do banco fossem rigorosamente punidos, nos termos da lei. Em seguida, ele deixou claro que considerava culpado o ex-controlador do Econômico, o ex-ministro Ângelo Calmon de Sá.

"Quem sempre foi o padrinho do Ângelo? Todo o mundo sabe que era



Antônio Carlos Magalhães

eu. Como agora eu já deixei claro, publicamente, que não tenho mais nada a ver com isso, quem é que vai reclamar?", lembrou Antônio Carlos Magalhães, destacando que o próprio Banco Central está tomando a iniciativa de processar Calmon de Sá. Segundo

o senador, o ex-dono do Econômico está pensando em morar em Miami, nos Estados Unidos.

Antônio Carlos Magalhães disse que um dos entraves para o desfecho do Econômico foi o ministro da Fazenda, Pedro Malan, que preferia a proposta do Bozano, Simonsen, formulada pelo economista baiano Daniel Dantas. "O Malan é muito amigo do Paulo Ferraz, do Bozano", justificou. Confirmou, também, que houve pelo menos um encontro de Ferraz com o ministro da Fazenda, em Washington, e contou que dissuadiu Malan de escolher o Bozano num encontro no próprio Ministério.

Pelo menos na disputa Excel-Bozano, ACM não tem motivos para criticar (Continua na página A-8)